

MASCULINIDADES E SEXUALIDADES RACIALIZADAS

Autor: Gimerson Roque Prado Oliveira

Coautora: Ana Cláudia Lemos Pacheco

Universidade Federal da Bahia – futuroantropologo@hotmail.com

Universidade Estadual da Bahia – ana_pachecau@hotmail.com

RESUMO

O artigo busca investigar representações de masculinidades negras através da categoria *patrão*. A *performance*, ficcional, mas também real configurada no bojo do *pagode* baiano se mostrou importante meio de analisar masculinidades em contextos periféricos. Procurou responder a seguinte pergunta: Como as categorias de sexualidade, raça e masculinidades se articulam nas trajetórias de jovens homens auto identificados negros com idades entre dezesseis e vinte e um anos? Na abordagem metodológica foi elaborado um entrelaçamento de falas, letras de músicas, campo etnográfico e audiovisual dos principais ícones do *patrão* encontrados na internet. O local selecionado para cartografia etnográfica foi à comunidade de Pau Ferro na cidade de Jequié BA, na qual experimentamos a partir das noções dos participantes/parceiros e da pesquisa em si de forma prática os principais temas suscitados pela categoria. Para isso, foram realizados dez entrevistas semi-estruturadas, seis Grupos Focais, além da própria pesquisa empírica entre dezembro de 2014 e março de 2016.

Palavras-chave: Masculinidades negras, Sexualidade, Raça.

INTRODUÇÃO

A masculinidade negra sempre representou uma ameaça ao homem branco, pois este é o profundo pânico cultural do negro encarnado no temor da sexualidade ocidental (BHABHA, 2003, p. 71). O próprio projeto de desenvolvimento e avanço da modernidade, no qual trazia o ideal de miscigenação eliminava o homem negro e o tornava figura chave da degradação da sociedade. Neste sentido, a masculinidade hegemônica, da qual o homem branco e heterossexual sempre foi considerado protagonista se desenhava no mundo capitalista em consolidação. Por aqui sinalizamos as especificidades relacionadas ao estudo do gênero masculino intersectado pela raça e pela classe,

pois os homens não possuem ou compartilham uniformemente do poder, existem hierarquias entre os eles de acordo a estes marcadores sociais.

Vários dos estereótipos atribuídos ao negro no mundo ocidental são e foram revertidos e reinventados em favor do que se conhece como afirmações de uma negritude. Assim, a sexualidade do homem negro tem sido reformulada por ele mesmo e *performada* de diversas maneiras, como na qual nos atemos na pesquisa sobre a categoria *patrão*¹:

Em primeiro lugar, é a partir deste referencial fetichizado que o criado supermasculino esboçará sua agência. “Ser negrão” implica assumir a atribuição de manter-se em cena como uma máquina de sexo: além de “ter a pegada”, deve ser (super) dotado de um pênis enorme, ser um animal na cama, dançar bem, ter habilidades para esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, além de jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que isso implique o violento (e nem por isso menos glorioso) dilaceramento de seu corpo [...] O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir destes atributos será reconhecido (NKOSI, 2014, p. 91).

A citação de Deivison Faustino Nkosi (2014) aponta dados interessantes pelos quais deixa-se aparente que o *homem negro em questão* se produz com ideologias criadas dentro do sistema patriarcalista, que vigorou por muitos anos no Brasil, e nos dias atuais é de fácil percepção seu resultado como o machismo e o sexismo operacionalizados pelos indivíduos nas instituições. Gilberto Freyre em *Sobrados e Mocambos* (1981) norteia sua análise através do entendimento da nação brasileira erguida por via do patriarcado como alicerce sociológico. Para Freyre homens e mulheres são diferenciados biologicamente num país que se modernizava no início do século XIX, fruto histórico-cultural deixado pela colonização, “Não é certo que o sexo determine de maneira absoluta a divisão do trabalho, impondo ao homem a atividade extradoméstica, e a mulher, a doméstica” (FREYRE, 1981, p.96).

Jeffrey Weeks (2000) faz um debate de como as definições dominantes de sexualidade emergiram na modernidade. E também como as relações de poder, em suas conexões de gênero, classe e raça tornaram-se significativas para a definição do comportamento sexual interrogando: Qual é o futuro da sexualidade e do corpo? sexualidade é muito mais do que o corpo simplesmente, o corpo biológico é o onde se estabelece os limites daquilo que é sexualmente possível, “A sexualidade tem tanto a ver com as nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com o nosso corpo físico” (WEEKS, 2000, p. 25). O autor indica ainda que é importante ver a sexualidade como um fenômeno social e histórico, como um “construto histórico” e não centrada nos corpos com um

¹ A categoria masculina *patrão* aparecia comumente na época, em alguns estilos musicais, como exemplo do funk carioca e do pagode baiano, na maioria das vezes envolvendo comparação com o consumo de mercadorias de luxo e que demonstra angariar “poder” para si. O “patrão” se mostrou importante para análise de masculinidades regionais.

sentido intrínseco, provocada em situações sociais concretas. “A sexualidade está em movimento, seus movimentos são exteriores à cultura, ela não segue as regras da cultura; a sexualidade é a própria alteridade” (BRITZMAN, p. 64).

METODOLOGIA

Para desenvolvermos esta pesquisa sobre a produção de subjetividades do *patrão* e as representações sobre masculinidades, selecionaremos dez jovens da cidade de Jequié, Bahia, jovens negros do sexo masculino, com idade entre dezesseis e vinte um ano, oriundos de um contexto social periférico, mais especificamente da comunidade Pau Ferro, na cidade citada. Selecionamos o bairro do Pau Ferro, pela localização geográfica e social, e por este representar o universo adequado ao contexto e aos objetivos do projeto, além de permitir ao pesquisador, uma aproximação maior com os sujeitos investigados, ponto fundamental na etapa inicial do método etnográfico. “O desenvolvimento da ciência etnográfica não pode em última análise, ser compreendido em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade” (CLIFFORD, 1998, p. 20).

Partindo das noções de cartografia a ideia é de aprofundar com abordagem biográfica a experiência de participantes selecionados para as atividades da pesquisa, “abordagem biográfica”, que não é rigorosamente uma biografia, pois se focaliza a experiência de um sujeito, não pretende a reconstrução de sua “vida” (KOFES, 2001, p. 14). A concepção de cartografia utilizada inscreve-se na proposta de Deleuze e Guattari a partir das epistemologias criadas por Michel Foucault e Henri Bergson, como “um pano de fundo” que permite uma vigilância constante do pesquisador em campo, atento para as mudanças e ocasiões nas quais se inserem os sujeitos ou objeto analisados.

A apropriação conceitual da cartografia tem como base, principalmente, a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil platôs* (1995). A presença de Deleuze (autor que se debruçou na releitura de diversos filósofos) faz com que o conceito se caracterize pela atualização de diversos projetos filosóficos, como o método intuitivo de Henri Bergson, ou a genealogia de Michel Foucault (AGUIAR, 2010, p. 02).

Nessa perspectiva, propomos uma cartografia etnográfica com a finalidade de perceber alguns movimentos subjetivos do *patrão*. Desvendar através da tentativa do método os agenciamentos elaborados pelo *patrão* e suas performances variantes, devido à importância na produção de subjetividades masculinas em um campo social mais amplo. Com isso, deixa-se fluir os discursos para dar sentido às experiências. As ferramentas do pensamento de Deleuze quanto ao seu

conceito de cartografia serão adotadas para mapear o caminho em direção às emoções e ao agenciamento complexo que é a categoria *patrão*, onde envolve aspectos sociais importantes.

Os métodos principais utilizados na pesquisa foram: 1) A observação etnográfica do bairro do Pau Ferro; que permitirá ao pesquisador adentrar e observar com detalhes os espaços de sociabilidade e 2) Método biográfico-histórias de vida dos informantes (Kofes, 1998), a fim de entender a produção de subjetividades do *patrão* entre os jovens. E como técnicas, entrevistas semiestruturadas e os grupos focais (Aschidamini e Saupe, 2004). Observação e análises de performances encenadas do *patrão* a partir de fotografias e audiovisual produzidos em grupo durante as oficinas e vinculados à meio de comunicação.

Os Grupos Focais e as entrevistas semi-estruturadas inicialmente almejavam introduzir um breve panorama das ideias racialistas que permearam a figura do homem e da mulher negra historicamente. Assim, o primeiro caminho percorrido perpassou pela análise da questão racial e noções do racismo histórico e contemporâneo, principal aspecto relacionado a construção desta identidade masculina do sujeito negro encontrada na investigação do *patrão*. Com isso, foi apresentado ferramentas teórico-práticas, utilizando-se inclusive da contra-informação, útil para ampliar a compreensão das dimensões políticas ligadas a representação do *patrão*. Partindo das noções dos agentes e investigando a constituição do “patrão” como unidade de análise, as atividades, funcionam como espaço prático de experimentação e acesso à configuração subjetiva da qual participa uma coletividade, tecendo um plano de pensamento autônomo e encontrando as referências na produção desta identidade representada.

Os espaços das entrevistas, da etnografia cartográfica e os Grupos Focais têm por finalidade alcançar criticamente alguns dos objetivos a seguir: a) conscientização mais ampla sobre masculinidade e relações de gêneros; dar visibilidade as situações de antagonismo de gêneros existentes; b) construir cartografias existenciais, considerando questões de subjetividade, ou seja, "estruturas de sentimento" complexas, fundamentais nas construções sociais e históricas específicas de "consciência"; c) atuar sobre a importância da noção de subjetividade para uma antropologia crítica e em defesa de comunidades negras e periféricas e influenciar movimento de produção de si, fomentando processos ativos destes jovens, imprimindo novo traço fundamental para o nascimento de novos valores.

No total foram realizadas oito entrevistas, as quais versaram sobre variados temas adequados com uso de um questionário com perguntas semiestruturadas a partir de eventos que identifiquem coisas relevantes do perfil dos parceiros/participantes nas redes sociais e perguntas fixas, mais

gerais feitas de modo comum a todos. Os Grupos Focais, no total de seis discutiram as principais expressões que dão sentido a categoria *patrão*, e, portanto voltados ainda para as representações de masculinas: consumo, sexualidade, masculinidades e mulheres. Os objetivos foram alcançados à medida que as ponderações colhidas ajudaram a descrever de forma subjetiva as abordagens de cada um dos participantes/parceiros que puderam expor seus modos de percepção de mundo. E que os temas escolhidos para provocação nos Grupos Focais também ajudaram por serem correlatos aos momentos e contexto de vida nos quais os jovens estavam inseridos.

RESULTADOS

A pesquisa foi capaz de responder e expressar alguns entendimentos acerca das relações de gênero, sexualidade, consumo, raça e masculinidades. Sobre o homem negro, destacamos que a sua sexualidade, desde muito cedo, foi descrito em contextos coloniais com atributos que o hipersexualiza, ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. A desqualificação da masculinidade negra, as preocupações com o homem branco no Brasil, que se modernizava, a masculinidade branca como masculinidade ideal e as representações da masculinidade negra como fracassadas estão totalmente ligadas ao imaginário construído no ocidente sobre a sexualidade dos corpos negros, e, em questão, a do homem negro. Nesta pesquisa o olhar sobre a sexualidade está amplamente relacionado àquilo que ao longo do processo de reconstrução da identidade negra tem sido constituído vernaculamente.

As perguntas iniciais norteadoras da pesquisa foram respondidas na medida em que definimos como se dá a representação do *patrão*, através dos conceitos teóricos e prescindidos pela definição do objeto e dos objetivos. Traçamos uma identidade social de quem seriam esses *patrões*, tanto na celebridade, no caso de Robysson, e nos demais agentes participantes/parceiros, através de onde residem, sonhos, pesadelos, racismos, sexualidade, consumo, respeitabilidade, escolaridade e trabalho. A interseccionalidade presente em Kimberlé Crenshaw (2002), sobretudo, a qual articulamos nas trajetórias dos jovens: raça, sexualidade, representação e consumo são de fundamentais ajuda para tratar das problemáticas que envolvem o homem negro, “tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam” (p. 177), embora em sua larga escala o conceito tem sido utilizado nas pesquisas acadêmicas mais para se falar de discriminações de gêneros que acometem mulheres negras. As falas das entrevistas, dos Grupos Focais e toda conjuntura arquitetada teve o papel de

deixar sobrepor nas representações que a interseccionalidade é algo que está presente e que é determinante esse entrelaçamento nas vidas das pessoas em diversos níveis.

O contexto cultural atual em que se encontram os homens negros, sobretudo os jovens moradores de locais periféricos, tanto nos diálogos no período da pesquisa, quanto a minha própria experiência enquanto homem negro e que sempre residiu nesses lugares, mostrou-me um quadro (mapa social complexo) que precisa ser revertido. Não no sentido de apontar uma “crise da masculinidade”, pois essa “crise” nos atinge enquanto homens negros da periferia, fora do modelo hegemônico patriarcal; entretanto, observamos que outros problemas têm levado esses jovens negros a rivalizarem e a guerreararem entre si.

DISCUSSÃO

Embora a compreensão da sexualidade vivida pelo corpo do homem negro na modernidade seja fundamental no nosso trabalho e seja também um caminho analítico, o que deve ser destacado é o que nos foi apresentado na atividade etnográfica dos encontros e entrevistas, levando em consideração a visão de mundo prático e subjetivado nas experiências descritas por quem está falando. Relato surgimento de uma categoria nativa apresentada por **R²**, e que está diretamente ligada a algo discursado pelo *pagode*, o *frenético*. A maior parte de nossa conversa permeou o interesse em identificar quais modalidades e características da personalidade e do comportamento definiriam de modo nítido essa identidade, e ela atravessou muitos sentidos e conotações, tanto quanto aos aspectos de código de valores, de noções de reputação e qualidades atribuídas a si mesmo, como também quando se falava em atividade sexual, ou seja, o *frenético* usado literalmente para expressar seu desempenho sexual.

Podemos observar então que o *frenético* é uma categoria que carrega semelhanças as do *patrão* e diz respeito à representação de uma identidade masculina, também existente nos contextos já mencionados, considerando o lugar de onde se fala. Porém é preciso compreender todas essas formulações no âmbito de sua vivência prática, no que espelha uma representação de masculinidade incorporada, e para isso estamos falando em termos de “um modo nativo”, de experiência dessas noções sobre a sexualidade e masculinidade negra. Em seguida relaciono alguns dos trechos mais importantes dessa conversa que ao meu entender elucidam parte dessa proposição.

² Optou-se por designar os jovens homens que participaram das atividades da pesquisa através da letra inicial dos nomes próprios. Em se tratando de letras iniciais repetidas, mantemos a mesma acrescida da letral inicial do primeiro sobrenome.

G- Agora [...] tem uma pergunta anterior aqui: é Barril Frenético. E o “Frenético”? Você explicou, mas a gente não gravou [...]

R- Cara [...] o frenético é o cara que vive ligado a 1000 volts por hora.

G- E ele precisa tá ligado? Ligado por quê?

R- Porque o cara que é frenético não dá mole. O cara que é frenético não vacila. Ele se liga em tudo. Ele tá ligado em tudo. O tempo todo.

G- E a relação sexual é ativa, a regularidade?

R- Ah, É zebra! (risos) [...] 24 por 48, (risos).

G- Mas porque Zebra?

R- Porque é barril. É toda hora!

G- Se deixar [...].

R- É o frenético!

G- Você acredita que negão tem o potencial mais [...?].

R- negão tem mais raça do que os brancos.

G- Raça como?

R- em tudo, raça no sentido sexual, raça no sentido da luta.

G- mas como demonstrar a raça fazendo sexo?

R- assim o negro [...] eu não posso falar pelo branco, eu posso falar pelo negro tá ligado? Eu posso falar porque varias meninas que já se relacionaram com os homens de cor branca e depois se relacionaram comigo, porra vei gostei mais de você assim [...].

G- sua pegada?

R- [...] sua pegada, que você faz isso ou faz aquilo mais do que tal pessoa, porque ele é tímido, porque ele é branco que tem pegada tá ligado? Meninas que eu me relacionei já falou isso comigo.

Como vemos na fala de **R** a sua sexualidade é vivida e performada a partir das ideias de virilidade e potencial sexual do homem negro. Em vários momentos da entrevista percebemos que ele se remeteu a raça reforçando os atributos que conferem ao homem negro a qualidade de sua “pegada”. Ao mesmo tempo **R** também reforça em termos de essencialidades, a raça negra enquanto força e sentido de luta, “em tudo”. Podemos identificar que **R** se remete às mulheres que lhe falaram e garantiram a diferença “da pegada” do homem branco e do negro. A raça para **R** parece estar conectada a esses atributos essencialistas, mas nem tanto em relação à cor das pessoas, pois diferencia cor e raça de modo a entender que branco não é uma raça e sim uma cor, como também preto é uma cor, pois raça é negro. Para ele, a raça parece ser um tipo de característica com especificidades de pertencimento, de origem, de lugar de mundo e estilo de vida.

O marco histórico do surgimento dessa categoria, *o frenético*, no *pagode* em parece ser o cantor Igor Kannário através de letras e discursos, exemplo da frase “*O Kannário tá frenético*”. A intenção *frenética* representada na *performance* de Kannário não é uma alusão somente a sexualidade, mas parece ser comprometidas com os códigos de condutas, dos quais já citamos acima na introdução e num subcapítulo, das masculinidades que procuram dar conta de quesitos diretamente ligados a deslealdade dos “parceiros” que traem. Surgem também nesse conjunto mais duas nomenclaturas de identificação masculina: do *pivete é doido* e a do *zangado*, a primeira agora

discursada por Chiclete Ferreira vocalista do grupo baiano de pagode Ghetto é Ghetto e a segunda novamente desempenhada por Igor Kannário:

Joga o *kep*, *batidão*, bermudão, sandália kenner.
É quando o bicho pega ele troca e não treme.
Dizem que ele é “bolo doido”, “ferro doido”, bicho solto.
Muito doido ele é [...].
O pivete é doido [...].
Ghetto é Ghetto/**O pivete é doido**/2013³.

Ligamos a representação subjetiva de masculinidades de **R**, **J**, **F** e de **R.E** em alguns aspectos que se complementam e são opostas. **R** se mostrou totalmente adverso a **J** no quesito timidez e “descolado”. A *pegada* em **R** apareceu representada de modo *frenética*, com mais *atitude*, embora ambos experimentem gostos estéticos parecidos. Por outro lado os *princípios* da masculinidade de se assumir íntegro, fiel e ter responsabilidade e ganhar respeito são semelhantes nas falas dos dois. A corporalidade de alguns jovens que narramos trajetos de seu cotidiano denuncia aquilo presente na citação de Fanon: “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal” (FANON, 2008, p.104). Partes de duas breves passagens do que vivenciamos em campo relata um pouco disso, a primeira em São Félix BA e a outra em Jequié BA quando **J** me fez notar algo importante na *pegada*:

Já na escola aguardei sentado no banco em frente à direção/coordenação da escola, enquanto esperava que passasse algum dos estudantes/parceiros que pudesse ou indicasse alguém que me concederia uma entrevista (lembrando que o nosso interlocutor teria que ser maior de 18 anos, já que adotamos em campo um termo de consentimento assinado pelos maiores e no caso dos menores, os pais ou responsáveis assinariam). Encontrei um dos garotos que me indicou outro, o F. Perguntei se tem alguém maior de 18 anos entre os parceiros aqui da escola? Ele disse que tem F e saiu para chamá-lo. F veio correndo e entre mexidas no celular e no cabelo, perguntei se rolava uma entrevista com ele, que me disse que assim que batesse o sinal de intervalo voltava. F chegou e fomos até a sala reservada pela direção para nós. Durante o diálogo, cerca de 40 minutos, F permaneceu como havia chegado.

A atitude de que fala **J** parece ser uma conduta esperada nos homens, “o de chegar na mulher desejada como ficante”, quando a atitude não existe as relações são escassas ou não existem, ainda se espera que no homem esse papel. Num homem negro, de baixo consumo econômico, emasculado, morador da periferia e que a timidez toma sua subjetividade a “falta” de atitude parece

³ Acessado em 20/05/2016 e disponível para acesso em: <https://www.lettras.mus.br/guettho-guettho/pivete-e-doido/>.

ser algo que possa existir de modo comum ou normal. Aqui me parece que envolve, sobretudo uma questão de auto estima baixa, e no caso de **J** pelo diálogo que construímos percebe-se que aos 24 anos idade ainda não teve nenhuma relação amorosa ou sexual, o que pra muitos homens e pro próprio meio social pode se tornar problemático e agravar a situação de **J**, pode virar chacota ou ganhar apelidos comuns nas conversas “masculinas”, donzelo, “não pega ninguém”, “batendo biela”, punheiteiro etc.

Ainda **J** nos conta que: *Muitos dizem que questão de ter pegada é aquele cara que tem atitude. Aquele cara que chega sem medo, que quando chegar no lugar, tem aquela atitude de falar com a mulher, não tem medo de levar um fora. Pra mim é o cara ter atitude no falar, no que vai dizer. É o cara que tem aquela pegada.*

O que mostra também a dificuldade dos homens de falarem sobre si, de sua masculinidade, racismo, religião, violência policial e etc. Embora pareça existir e ser mais comum uma solidariedade de gênero, onde existem coisas comuns a serem compartilhadas entre nós homens, como por exemplo, a sexualidade. O homem negro não possui os mesmos privilégios dos homens brancos quando tratamos da “conquista” ou paquera com mulheres. Por não portar estética ainda pensada pelo viés dos dotes de homens no qual pressupõe-se uma beleza ocidentalizada e assumida no branco seu tipo idealizado. A *pegada* categoria/termo que aparece no título dessa pesquisa, introduzida como dispositivo para cartografar as masculinidades, nos diz muito mais do que simples noções da sexualidade ou hierarquias de gênero. Me fez refletir na *pegada* como uma exclusão de homens negros do círculo social onde a paquera acontece.

Foi à fala de **J** que apareceu o interesse de tentar desenrolar de essa problemática. **J** é morador da comunidade de Pau Ferro, local onde essa pesquisa se desenvolve, no momento estudava num curso pré-vestibular oferecido pelo Estado e que na época funcionava na mesma comunidade referida. A *atitude* de que ele fala parece ser algo que o emascula diante em relação a outros homens mais “descolados” e com mais atitude. O *self* negro funciona como uma entidade que está para além da cor da pele, algo que transcende a representação física dos sujeitos, “O homem negro, entretanto, é um homem deficitário porque vis-à-vis outros homens se emascula pela subordinação racial a que está submetido” (PINHO, 2005, p. 138). A definição da pegada para **R.E.** confirma aquilo presente em **J**:

G- *O que você definiria como pegada?*

R.E- *Hoje a pegada é você mostrar sua origem. Você mostrar quem Você é. Sem se enfeitar da forma que a mídia manda você se enfeitar. O cara que tem a pegada é aquele que navega pelo corpo todo da mulher. Esse é que tem a pegada [...] Sabe chegar numa mulher, sabe dar uma boa cantada, tudo isso.*

G- *O que é necessário pra ter essa pegada?*

R.E- É andar perfumado, saber chegar, não ser muito afobado com a mulher e chegar numa boa, com sutileza.

G- Alguma mulher já disse que você tem a pegada?

R.E- Já sim.

Verificamos nas falas dos agentes a compreensão de que a masculinidade é produzida e pode ser pensada como projeto de gênero verificando os efeitos dessas práticas no uso do corpo, na definição da personalidade e do comportamento perante a sexualidade. Podemos assim identificar e concluir, que uma maneira de adquirir o respeito é através do desenvolvimento de uma reputação, uma conduta e um perfil de personalidade autêntica e destacável, que se dá a partir de vários elementos, principalmente a sexualidade, a qual se torna um dispositivo de afirmação da virilidade por meio da sexualidade transgressora. Que é diverso o modo de “ser homem”:

Assim como não há uma única masculinidade, não há uma *masculinidade negra*, mas é pertinente alertar para o fato de que, embora existam negociações e subversões de toda ordem, o exame da “norma” abre-nos a possibilidade de uma agência menos ingênua da própria trajetória (NKOSI, 2014, p.77).

Reconhecemos também a possibilidade da existência de uma forma de sexualidade que talvez encarnasse o conjunto de práticas sociais mais capazes de expressar o modelo mais honrado de ser homem, como nas falas sobre o *frenético* e a pegada. Porém, no que diz respeito a ser *patrão*, todos afirmaram não viverem de modo comum essa categoria. As relações monogâmicas dão o tom dos discursos sobre a afetividade e relação com as mulheres demonstram um perfil mais alinhado com um tipo de respeitabilidade fundada em outros princípios, como o de responsabilidade com a possibilidade de ter um filho, como também em valorizar e dar amor a mulher que está ao seu lado, deixando evidente que este discurso transmite um ideal de ser homem em termos destes princípios. A pegada é redefinida a partir de suas concepções de como tratar e paquerar uma mulher, e apesar da conduta masculina em algumas falas, não se pode afirmar simplesmente que haja uma dominação unilateral quando relata sobre seu relacionamento, mas uma complexidade dos papéis femininos e masculinos, que, eventualmente transgridam o machismo ou sexismo.

CONCLUSÕES

A reprodução das violências praticadas entre os grupos subalternizados aqui analisados é algo que nos intriga. Identificamos a violência como uma característica colonial executada nos dias atuais pelo Estado. Até então, tem sido atribuído aos homens, portanto as masculinidades, um ideal que incide sobre o modo de como são vistos por conta de suas ações, o que convém a performar linguagem corporal preenchida com arquétipos de violência, embora como dito anteriormente,

muitas das vezes uma violência fictícia. Os dados publicados pelos mapas da violência mostram que os jovens negros são os mais atingidos pelo genocídio. Ninguém é tão capaz de mudar essa realidade do que os próprios sujeitos envolvidos nela, através de seu modo de pensar o mundo e de agir diante as adversidades, são os donos de suas subjetividades, aqueles que as reproduzem, não é a subjetividade um fantasma ou entidade que independe da ação pratica, penso que sejam coisas que se complementam. E que nenhuma teoria possa de fato nos conduzir a uma conduta masculina correta, diante da moral e dos costumes.

Diferentemente de algumas perspectivas homogeneizantes poderia dizer que foi e continua sendo encontrada uma diversidade de problemáticas relevantes para tocarmos na questão das masculinidades negras. Reiteramos sobre a modernidade enquanto um projeto de arranjo da racionalidade que estabelece um desenho localizado em valores eurocêtricos e que se articulam em função de um aparelho que define as culturas existentes através de um sentido de colonialidade. Gostaria de indicar a importância da continuidade e disposição do que motiva este trabalho em todo seu conjunto, pois muitas questões levantadas revelam mais inquietações sobre a condição do homem negro. Perguntas como: será que nos salvamos a partir das produções de representação que temos feito de nós mesmos? Será que nosso empoderamento a partir da sexualidade, a partir do consumo, nos tem livrado da perversidade racialista? Como devemos enfrentar nossos problemas impactantes e atuais, como a violência, o genocídio e toda crise que recai sobre nós homens pretos? E seguem outras e outras inquietações.

O mundo das emoções e afetividades é fundamental para explicar e entender o mundo do consumo, pois é o ponto que conecta os sujeitos e a sociedade, entre seus desejos e necessidades. No caso do Hip Hop e seu estilo, os jovens tinham a intenção de concretizar o sonho americano de modernidade. Os adeptos do Hip Hop no Brasil, defendiam este estilo como um mundo moderno possível. O nascimento de uma categoria como o *patrão* deve ser pensado a partir das construções sociais, o território dos sujeitos, o lugar destes sujeitos e para se falar da produção desta categoria será necessário entender a situação política, social, cultural e econômica de onde ela emerge. Todos esses lugares estão indicados na maioria dos estudos já finalizados envolvendo o *pagode* baiano, campo de onde partimos para dar embasamento à pesquisa realizada. A importância da continuidade de uma pesquisa como a cartografia etnográfica do *patrão*, se produziria a partir de análise mais aprofundada centrado no debate do corpo, na montagem e desmontagem da personagem. Entender na prática, o seu uso e técnicas corporais e de acessórios, os quais dão todo sentido à categoria, compreendendo-a como uma *performance* ritualizada.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico**: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação ' Caxias do Sul, RS ' 2 a 6 de setembro de 2010.

ASCHIDAMINE, Ione Maria e SAUP, Rosita. **Grupo Focal –Estratégia Metodológica Qualitativa**: um ensaio teórico. Cogitare Enferm. 2004 Jan/Abr 9(1):9-14.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. ED. EDUFBA; Salvador : 2008. p. 194.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Livraria José Olympio Editora S.A. Rio de Janeiro: 1981.

KIMBERLÉ, Crenshaw. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California Los Angeles. Estudos Feministas, 2002.

KOFES, Maria Suely. **Categorias analítica e empírica: gênero e mulher**: Disjunções, conjunções e mediações. XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em Belo Horizonte, de 12 a 15 de abril, 1992.

LOURO, Guacira Lopes (organizadora) **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000 Créditos/copyrights.

NKOSI, Deivison F. **O pênis sem o falo**: algumas reflexões sobre homens negros, Masculinidades e racismo. In: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

PINHO, Osmundo S. de Araújo. **Etnografias do brau**: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 127-145, jan./abr. 2005.